

«Um espetacular
romance de estreia.»

Publishers Weekly

Cada Verão Passado

Bestseller do *New York Times*



CARLEY

FORTUNE

TOP
SEL
LER

Agora

O quarto cocktail não me pareceu uma má ideia. E, já agora, a franja também não. Mas agora que não consigo sequer abrir a porta de casa, creio que amanhã de manhã vou arrepender-me do último *Spritz* que bebi. E da franja também, parece-me. Hoje, quando me sentei na cadeira da June para cortar o cabelo, ela bem me avisou de que fazer uma franja depois de uma separação é quase sempre uma péssima decisão. Mas a June não ia à festa de noivado de uma amiga nessa noite, depois de uma separação recente. Eu tinha de ir de franja.

Não é que ainda esteja apaixonada pelo meu ex; não estou. Nunca estive. O Sebastian é uma espécie de snobe, um prometedor advogado empresarial. Não teria aguentado uma hora na festa da Chantal sem criticar a sua escolha de cocktail especial e referindo um qualquer artigo pretensioso que tinha lido no *The New York Times* sobre como o *Aperol Spritz* estava «acabado». Depois, fingiria estudar a carta de vinhos, aborreceria o empregado do bar com algumas perguntas sobre *terroir* e acidez e, independentemente das respostas, pediria um copo do tinto mais caro. Não é por ter um gosto excepcional ou saber muito sobre vinhos; ele não sabe. Só compra coisas caras para transmitir uma imagem de exigência.

Eu e o Sebastian estivemos juntos durante sete meses, o que conferiu a esta relação a distinção de ter sido o meu relacionamento mais longo até hoje. Quando acabou, ele disse que não sabia exatamente quem eu era. E até tinha alguma razão.

Antes do Sebastian, eu escolhia tipos que quisessem passar um bom bocado e não se importassem de não assumir compromissos. Mas, quando o conheci, achei que ser verdadeiramente adulta significava encontrar alguém com quem pudesse ter uma relação séria. O Sebastian encaixava nesse perfil. Era atraente, culto, bem-sucedido e, apesar de ser um pouco pomposo, conseguia conversar com qualquer pessoa sobre quase tudo. Ainda assim, foi difícil partilhar várias partes de mim. Ao longo dos anos, aprendi a bloquear a minha tendência de deixar que pensamentos aleatórios me saltem da boca sem filtro. Pensei que estava a sair-me bem na tarefa de dar uma oportunidade real à relação, mas o Sebastian acabou por perceber a minha indiferença, e tinha razão. Eu não queria saber dele. Não queria saber de nenhum deles.

Só havia um.

E esse um desapareceu há muito tempo.

Por isso, gosto de estar com homens e gosto de como o sexo me proporciona uma escapatória para fora da minha cabeça. Gosto de fazer os homens rir, gosto de ter companhia, gosto de dar uma pausa ao meu vibrador de vez em quando, mas não me prendo, não apro- fundo nada.

Ainda estou às voltas com a chave — *sinceramente, passa-se alguma coisa com esta fechadura?* — quando o telemóvel, que está dentro da minha mala, toca. É estranho. Ninguém costuma ligar-me a esta hora. Na verdade, nunca ninguém me liga, exceto a Chantal e os meus pais. Mas a Chantal ainda está na festa e os meus pais estão de férias em Praga, pelo que devem estar a dormir. O toque cessa no preciso momento em que consigo abrir a porta e me precipito para dentro do meu pequeno apartamento de um só quarto. Dou uma olhadela

ao espelho da entrada e vejo que o batom quase desapareceu, mas a franja tem um ar fantástico. *Engole esta, June.*

Estou a despertar as tiras das sandálias douradas, com uma madeixa de cabelo escuro sobre o rosto, quando o telemóvel começa a tocar de novo. Tiro-o da mala e, com uma sandália ainda calçada, procuro o sofá, franzindo o sobrolho à indicação de número desconhecido que surge no ecrã. Provavelmente, é engano.

— Estou? — pergunto, enquanto me dobro para tirar a segunda sandália.

— É a Percy?

Ergo-me tão depressa que tenho de me agarrar ao braço do sofá para me equilibrar. *Percy*. Já ninguém me chama isso. Atualmente, sou a Persephone para quase toda a gente. Por vezes, sou a P. Mas nunca sou a Percy. Não sou a Percy há anos.

— Estou... Percy?

Aquela voz é profunda e suave. Não a ouço há mais de uma década, mas é tão familiar que, de repente, tenho 13 anos outra vez e estou coberta de protetor solar com fator de proteção 45, a ler livros na doca. Tenho 16 anos e estou a tirar a roupa para mergulhar no lago, nua e peganhenta, depois de um turno na Taberna. Tenho 17 anos e estou deitada na cama do Sam, num biquíni húmido, a ver os seus longos dedos moverem-se sobre o livro de anatomia que está a estudar sentado aos meus pés. O sangue sobe-me ao rosto repentinamente e o bater pesado e descompassado do meu coração soa nos meus ouvidos. Solto um suspiro trémulo e sento-me, com o estômago apertado.

— Sim — consigo responder, e ele liberta um longo suspiro de alívio.

— É o Charlie.

Charlie.

Não o Sam.

Charlie. O outro irmão.

— O Charles Florek — esclarece ele, e começa a explicar-me como conseguiu o meu número. Uma história sobre o amigo de um amigo e um conhecido na revista onde trabalho, mas quase não o ouço.

— Charlie? — interrompo-o. A voz sai-me aguda e tensa, com uma parte de *Spritz* e duas partes de choque. Ou mesmo todas as partes de desilusão total. Porque *aquela* voz não pertence ao Sam.

É claro que não.

— Eu sei, eu sei, já passou muito tempo. Meu Deus, nem sei quanto... — diz ele, como se pedisse desculpa.

Mas eu sei. Sei exatamente quanto tempo. Continuo a contar.

Passaram doze anos desde que vi o Charlie. Doze anos desde aquele fim de semana de Ação de Graças catastrófico em que tudo se desmoronou entre mim e o Sam. Em que eu destruí tudo.

Costumava contar os dias que faltavam para a minha família viajar até à cabana e eu voltar a ver o Sam. Agora, ele é uma memória dolorosa que escondo mesmo no fundo do peito.

Também sei que já vivi mais anos sem o Sam do que aqueles que passei com ele. No Dia de Ação de Graças que marcou o sétimo ano desde que nos tínhamos separado, tive um ataque de pânico, o primeiro em muito tempo, e bebi uma garrafa e meia de *rosé*. Era algo insuportável: oficialmente, estava sem ele há mais anos do que os que tínhamos tido juntos no lago. Chorei e soltei grandes e terríveis soluços no chão da casa de banho até acabar por adormecer. No dia seguinte, a Chantal apareceu com comida gordurosa e segurou-me no cabelo enquanto eu vomitava, com as lágrimas a correrem-me pela cara abaixo. Contei-lhe tudo.

— Passaram séculos — respondo ao Charlie.

— Eu sei. E desculpa ligar-te tão tarde — diz ele. A sua voz é tão parecida com a do Sam que até dói, como se eu tivesse uma bola de massa entalada na garganta. Lembro-me de termos 14 anos e de ser quase impossível distinguir o Sam do Charlie ao telefone. Lembro-me de, nesse verão, ter reparado também noutras coisas acerca do Sam.

— Ouve, Pers, estou a ligar porque tenho novidades — começa ele, usando o diminutivo que costumava chamar-me, mas parecendo muito mais sério do que o Charlie que eu conhecera. Ouço-o respirar pelo nariz. — A minha mãe faleceu há uns dias e eu... Bem, achei que quererias saber.

Aquelas palavras atingem-me como um tsunami e tenho de fazer um esforço para as compreender. A Sue morreu? *Mas era tão nova.*

— O quê? — É tudo o que consigo articular, numa espécie de gemido.

O Charlie parece exausto quando responde.

— Cancro. Estava a lutar contra isso há alguns anos. Estamos de rastos, claro, mas ela já estava cansada de estar doente, percebes?

Sinto-me — e já não é a primeira vez — como se alguém se tivesse apoderado do argumento da minha vida e o tivesse deturpado. Parece-me impossível que a Sue tivesse adoecido. A Sue, com o seu grande sorriso, os seus calções de ganga e o seu rabo de cavalo louro, quase branco. A Sue, que fazia os melhores *pierogies* do mundo. A Sue, que me tratava como uma filha. A Sue, a mulher que imaginei que pudesse vir a ser minha sogra. A Sue, que esteve doente durante anos sem eu saber. Devia ter sabido. Devia ter estado lá.

— Lamento tanto, tanto — declaro. — Eu... nem sei o que dizer. A tua mãe... ela era...

Consigo ouvir o pânico na minha voz.

Aguenta-te, digo a mim própria. Perdeste o lugar junto da Sue há muito tempo. Não tens o direito de te ires abaixo agora.

Lembro-me de como a Sue criou dois filhos sozinha enquanto geria a Taberna, lembro-me da primeira vez que a vi, quando veio à nossa cabana para garantir aos meus pais, muito mais velhos, que o Sam era bom miúdo e que ela tomaria conta de nós. Lembro-me de quando me ensinou a pegar em três pratos ao mesmo tempo e da vez em que me disse para não aturar as parvoíces de nenhum rapaz, incluindo as dos seus dois filhos.

— Ela era... tudo — digo. — Era tão boa mãe.

— Pois era. E sei que era muito importante para ti quando éramos miúdos. É por isso que estou a ligar-te — afirma o Charlie, hesitante.
— O funeral é no domingo. Sei que já passou muito tempo, mas acho que devias cá estar. Podes vir?

Muito tempo? Passaram doze anos. Doze anos desde que fiz, pela última vez, a viagem para norte, até ao sítio onde mais me senti em casa na vida. Doze anos desde que mergulhei de cabeça no lago. Doze anos desde que a minha vida se despistou espetacularmente para fora de rumo. Doze anos desde que vi o Sam.

Mas só há uma resposta.

— Claro que posso.

Verão, Dezassete Anos Antes

Acho que quando os meus pais compraram a cabana não sabiam que dois rapazes adolescentes viviam na casa do lado. Os meus pais queriam que eu tivesse um escape da cidade, um descanso dos outros miúdos da minha idade, e os irmãos Florek, que andavam sem supervisão durante longos períodos da tarde e da noite, devem ter sido uma surpresa tão grande para eles quanto foram para mim.

Alguns miúdos da minha turma tinham casas de férias, mas eram todas em Muskoka, a uma curta distância de carro para norte, e onde a palavra *cabana* não parecia adequar-se às mansões ribeirinhas existentes ao longo das praias fluviais da zona. O meu pai recusou-se terminantemente a procurar em Muskoka. Disse que se fosse para comprarmos uma cabana ali, então mais valia ficarmos em Toronto no verão — ali era demasiado perto da cidade e havia demasiadas pessoas. Portanto, os meus pais concentraram a sua pesquisa nas comunidades rurais mais a nordeste, mas o meu pai declarou-as demasiado desenvolvidas ou sobrevalorizadas e, depois, foram ainda mais longe, até que, finalmente, assentaram em Barry's Bay, uma sonolenta vila operária que, no verão, se transformava numa movimentada localidade turística, com os passeios a abarrotarem de habitantes sazonais

e de visitantes europeus com a intenção de acamparem ou fazerem caminhadas no Algonquin Provincial Park.

— Vais adorar aquilo, miúda — prometeu-me ele. — É onde se encontram as *verdadeiras* cabanas de férias.

Mais tarde, eu iria ansiar pela viagem de quatro horas de carro desde a nossa casa de estilo Tudor, no centro de Toronto, até ao lago, mas aquela primeira vez pareceu-me uma eternidade. Civilizações inteiras podiam ter nascido e caído até ao momento em que passámos pelo sinal de «Bem-vindos a Barry's Bay», eu e o meu pai na carrinha das mudanças e a minha mãe atrás, no *Lexus*. Ao contrário do carro da minha mãe, a carrinha não tinha um sistema de som decente nem ar condicionado, e lá fui eu, condenada a ouvir o monótono ruído da CBC Radio, com as pernas coladas ao assento de vinil e a franja agarrada à minha testa transpirada.

A maioria das miúdas do meu 7.º ano tinham feito uma franja depois de a Delilah Mason ter cortado a dela primeiro, embora não nos ficasse tão bem. A Delilah era uma das miúdas mais populares do nosso ano, e eu achava que tinha muita sorte por ser uma das suas amigas mais próximas. Ou, pelo menos, era, antes de ter acontecido o incidente da noite em que dormi em casa dela. A sua franja era como uma cortina vermelha perfeita, caindo-lhe sobre a testa, enquanto a minha parecia desafiar a gravidade e todos os produtos fixadores, projetando-se em pontas e ângulos estranhos, evidenciando ainda mais a adolescente desajeitada de 13 anos que eu era, em vez da misteriosa morena de olhos escuros que queria ser. O meu cabelo não era liso nem encaracolado e parecia mudar de personalidade dependendo de fatores imprevisíveis, desde o dia da semana até ao tempo ou à forma como eu tinha dormido na noite anterior. Embora eu fizesse tudo o que podia para que as pessoas gostassem de mim, o meu cabelo recusava-se a colaborar.



Quando se descia pela encosta arborizada da margem oeste do lago Kamaniskeg, a Bare Rock Lane era uma estrada estreita de terra batida que fazia jus ao seu nome. O caminho para a casa, por onde o meu pai avançou, estava tão repleto de plantas que os ramos raspavam os lados da pequena carrinha.

— Sentes este cheiro, miúda? — perguntou o meu pai, abrindo a janela enquanto a carrinha saltava pelo caminho. Inspirámos profundamente, e o aroma de agulhas de pinheiro há muito caídas encheu-me as narinas de forma quase medicinal.

Estacionámos junto à porta das traseiras de uma modesta cabana de madeira de construção triangular, dominada pelos pinheiros brancos e vermelhos que cresciam em seu redor. O meu pai desligou o motor e virou-se para mim com um sorriso por baixo do seu bigode grisalho e os olhos franzidos atrás dos óculos com uma armação escura.

— Bem-vinda ao lago, Persephone.

A cabana tinha um cheiro incrível a lenha de lareira. Inexplicavelmente, nunca desaparecia, mesmo depois de a minha mãe ter passado anos a acender as suas velas caríssimas. Sempre que voltava, eu parava à entrada para inspirar aquele cheiro, tal como fiz naquele primeiro dia. O piso térreo era um pequeno espaço todo aberto, forrado do chão ao teto por tábuas de madeira clara com nós. Janelas enormes mostravam uma vista quase doentivamente deslumbrante do lago.

— Uau — murmurei, reparando numa escada que descia do alpendre por uma encosta íngreme.

— Nada mau, hem? — disse o meu pai, dando-me uma palmadinha nas costas.

— Vou ver como está a água — repliquei eu, saindo disparada pela porta, que se fechou atrás de mim com um entusiástico *paf*. Avancei sobre dezenas de degraus até chegar à doca. Era uma tarde húmida, todo o céu estava preenchido por espessas nuvens cinzentas que se

espeelhavam na água prateada e quieta mais abaixo. Quase não era possível ver as cabanas que pontuavam a distante margem em frente. Perguntei-me se conseguiria atravessar o lago a nado. Sentei-me à beira da doca, com as pernas a abanarem dentro de água, chocada com aquela quietude, até que a minha mãe me gritou para que fosse ajudá-la com as malas.

Quando acabámos de esvaziar a carrinha, estávamos cansados e enervados de transportar tantas caixas e de lutar contra tantos mosquitos. Deixei os meus pais a organizarem a cozinha e fui para o andar de cima. Havia dois quartos; os meus pais deixaram-me o que tinha vista para o lago, dizendo que, já que eu passava mais tempo no quarto, sempre podia apreciar mais a vista. Arrumei a roupa, fiz a cama e coloquei-lhe em cima uma manta *Hudson Bay*. O meu pai achava que, no verão, não íamos precisar de mantas de lã tão quentes, mas a minha mãe tinha insistido em trazer uma para cada cama.

— É uma colcha canadiana — esclareceu ela, num tom que indicava quão óbvio aquilo devia ser.

Coloquei uma pilha perigosamente alta de livros na mesa de cabeceira e pendurei um póster de *O Monstro da Lagoa Negra* por cima da cama. Tinha um fraquinho por terror. Via dezenas de filmes de terror — há muito tempo que os meus pais tinham desistido de os censurar — e devorava os livros clássicos de R. L. Stine e de Christopher Pike, bem como as séries mais recentes sobre rapazes giros que se transformavam em lobisomens com a lua cheia e raparigas lindas que perseguiram fantasmas depois dos treinos das claques. Na altura em que ainda tinha amigas, levava os livros para a escola e lia-lhes em voz alta as partes boas (as que tinham algo com sangue ou eram remotamente sexy). Ao início, eu gostava da reação das miúdas, adorava ser o centro das atenções, mas sentindo-me segura por usar as palavras de outros para o conseguir. Mas, quanto mais histórias de terror lia, mais gostava da escrita por trás das histórias, de como os autores tornavam credíveis as situações mais impossíveis. Gostava

de como cada livro era simultaneamente previsível e único, reconfortante e inesperado. Seguro, mas nunca aborrecido.

— Pizza para o jantar? — perguntou a minha mãe, parada à entrada do quarto, a observar o póster, mas sem dizer nada.

— Entregam pizza? — interroguei. Barry's Bay não parecera suficientemente grande para ter entregas ao domicílio. E, na verdade, não tinha, por isso, fomos de carro até ao Pizza Pizza, um restaurante de takeaway que ficava na esquina de uma das duas mercearias da vila.

— Quantas pessoas vivem aqui? — perguntei à minha mãe. Eram sete da tarde e a maioria das lojas da rua principal parecia fechada.

— Cerca de 1200, embora me pareça que, no verão, tripliquem, com todas as cabanas que há — respondeu ela. Com exceção de um restaurante com esplanada, a vila estava bastante deserta. — A Taberna parece ser o sítio onde vir ao sábado à noite — comentou ela, abrاندando enquanto passámos por lá.

— Parece-me ser o *único* sítio onde vir — repliquei.

Quando regressámos a casa, o meu pai já tinha ligado a pequena televisão. Não tínhamos ligação por cabo, mas tínhamos trazido a nossa coleção familiar de DVD.

— Estava a pensar em *Férias em Família* — disse o meu pai. — Parece-me apropriado, não achas, miúda?

— Hum... — Agachei-me para inspecionar melhor a prateleira. — *O Projeto Blair Witch* também seria apropriado.

— Eu não vou ver isso — afirmou a minha mãe, pondo pratos e guardanapos junto das caixas de pizza, na mesinha de apoio.

— Lá terá de ser *Férias em Família* — disse o meu pai, inserindo-o no leitor. — Um John Candy clássico. O que há de melhor?

Lá fora, o vento tinha-se intensificado, passando por entre os ramos dos pinheiros, e já havia ondas a atravessarem a superfície do lago. A brisa que passava por baixo das janelas cheirava a chuva.

— Sim — respondi, tirando uma fatia de pizza. — Isto, por acaso, é do melhor.



Um relâmpago atravessou o céu em ziguezague e iluminou os pinheiros, o lago e os montes na outra margem, como se alguém tivesse tirado uma fotografia com *flash* com uma máquina fotográfica gigante. Eu observava a tempestade através da janela do meu quarto, estarecida. A vista era muito mais vasta do que aquela faixa de céu que eu conseguia ver da janela do meu quarto em Toronto, a trovoadas era tão ruidosa que parecia estar mesmo por cima da cabana, e tudo parecia ter sido encomendado de propósito para a nossa primeira noite. A certa altura, os estrondos ensurdecedores foram-se transformando em roncões distantes, e eu enfiei-me de novo na cama, ouvindo a chuva a bater nas janelas.

Na manhã seguinte, os meus pais já estavam no andar de baixo quando acordei, momentaneamente confusa pelo sol brilhante que entrava pelas janelas e pelos raios de luz que passeavam pelo teto. Eles já estavam sentados, com o café feito e a lerem o que tinham à mão — o meu pai, no cadeirão, com um exemplar do *Economist*, coçando a barba, distraído, e a minha mãe, num banco junto ao balcão da cozinha, folheando uma grossa revista de design, com os seus óculos enormes de armação vermelha equilibrados na ponta do nariz.

— Ouviste a tempestade ontem à noite, miúda? — perguntou o meu pai.

— Era um bocado difícil não ouvir — respondi, tirando uma embalagem de cereais dos armários ainda meio vazios. — Acho que nem dormi muito.

Depois do pequeno-almoço, enchi um saco de pano com algumas coisas — um livro, revistas, batom de cieiro e protetor solar com fator de proteção 45 — e percorri o caminho até chegar ao lago. Embora tivesse chovido bastante na noite anterior, a doca já tinha secado com o sol da manhã.

Estendi a toalha, espalhei protetor solar por toda a cara e deitei-me de barriga para baixo, com o rosto apoiado nas mãos. Num dos lados, só havia outra doca a pelo menos 150 metros, mas, no lado oposto, havia uma relativamente perto. Estava um barco a remos preso à doca e uma jangada a flutuar mais ao largo. Peguei no meu livro e retomei a leitura no ponto onde tinha ficado na noite anterior.

Devo ter adormecido, porque acordei de repente com barulho na água e vozes de rapazes a gritarem e a rirem.

— Já te apanho! — gritou um.

— Como se conseguisses! — soou a outra voz, mais profunda.

Splash!

Duas cabeças emergiram da água perto da jangada. Ainda deitada de barriga para baixo, vi-os mergulharem à vez, com cambalhotas e espirais. Ainda era o princípio de julho, mas já estavam bronzeados. Supus que fossem irmãos e que o mais pequeno e magro fosse mais ou menos da minha idade. O mais velho tinha mais um palmo do que ele e músculos esguios sombreavam-lhe o torso e os braços. Quando ele pegou no mais pequeno e o atirou por cima dos ombros para a água, sentei-me a rir. Eles ainda não tinham reparado em mim, mas, nesse momento, o mais velho olhou na minha direção com um grande sorriso no rosto. O pequeno subiu para a jangada e ficou ao lado dele.

— Olá! — gritou o mais velho, acenando.

— Olá! — Acenei de volta.

— Vizinha nova? — perguntou ele.

— Sim — respondi alto.

O rapaz mais novo olhava especado e o outro deu-lhe uma palmada no ombro.

— Credo, Sam. Diz olá.

O Sam levantou a mão e continuou a observar-me até o mais velho o empurrar uma vez mais para a água.



Os irmãos Florek demoraram oito horas a encontrar-me. Estava sentada no alpendre com o meu livro, depois de arrumar a cozinha, quando ouvi uma batida na porta das traseiras. Estiquei o pescoço, mas não consegui ver com quem a minha mãe estava a falar, por isso, fechei o livro, com o marcador entre as páginas, e levantei-me da espreguiçadeira.

— Vimos uma rapariga na vossa doca hoje à tarde e viemos dizer olá. — A voz pertencia a um adolescente, profunda mas jovem. — O meu irmão não tem ninguém da idade dele com quem brincar.

— Brincar? Não sou nenhum bebé — respondeu o segundo rapaz, com voz irritada.

A minha mãe olhou-me por cima do ombro, com os olhos semi-cerrados a questionarem-me.

— Persephone, tens visitas — disse ela, deixando claro que aquilo não era propriamente do seu agrado.

Saí e fechei a porta de rede atrás de mim. Olhei para os rapazes arruivados que vira nadar durante a tarde. Eram claramente da mesma família — ambos magricelas e bronzeados —, mas as diferenças também eram óbvias. Enquanto o mais velho tinha um sorriso largo, um ar arranjado e sabia como usar gel para o cabelo, o mais novo fitava o chão, com uma madeixa rebelde caída sobre os olhos. Vestia calções largos e uma t-shirt dos Weezer desbotada, que era, pelo menos, um tamanho acima; o mais velho vestia calças de ganga, um polo branco à medida e ténis *Converse* pretos, com a biqueira de um branco imaculado.

— Olá, Persephone, sou o Charlie — disse o mais velho, com covinhas no rosto e olhos verde-água que dançavam à frente da minha cara. Giro. Giro tipo *boy band*. — E este é o meu irmão, o Sam.

Pousou a mão no ombro do mais novo. O Sam esboçou um meio sorriso por baixo de uma madeixa de cabelo e afastou o olhar outra vez. Pareceu-me que era alto para a idade, mas aquele tamanho tornava-o um pouco desengonçado, os braços e as pernas pareciam ramos de

árvore e os joelhos e os cotovelos eram aguçados como pedras. Os pés pareciam armadilhas feitas para tropeçar.

— Hum... está bem — comecei eu, entreolhando-os. — Acho que vos vi hoje, no lago.

— Sim, éramos nós — confirmou o Charlie, enquanto o Sam pontapeava agulhas dos pinheiros. — Vivemos aqui na casa ao lado.

— Tipo, permanentemente? — perguntei, verbalizando o primeiro pensamento que me ocorreu.

— O ano todo — esclareceu ele.

— Nós somos de Toronto, portanto, tudo isto... — disse eu, indicando com as mãos os bosques em volta — ... é novo para mim. Vocês têm sorte por viverem aqui.

O Sam resfolegou ao ouvir aquilo, mas o Charlie ignorou-o e continuou.

— Bem, eu e o Sam gostávamos de te mostrar as redondezas. Não gostávamos, Sam? — perguntou ele ao irmão, mas sem esperar pela resposta. — E podes usar a nossa jangada sempre que quiseres. Não nos importamos — concluiu, ainda a sorrir. Falava com a confiança de um adulto.

— Fixe. Vou aproveitar, sem dúvida, obrigada — retorqui, devolvendo-lhe um sorriso tímido.

— Ouve, tenho um favor para te pedir — disse o Charlie, em tom conspirativo. O Sam resfolegou novamente, por baixo da sua madeixa de cabelo claro. — Esta noite, vêm cá uns amigos meus, e pensei que talvez o Sam pudesse ficar por aqui contigo enquanto eu estou com eles. É que ele não tem grande vida social e vocês parecem ter a mesma idade — afirmou, olhando-me de relance.

— Tenho 13 anos — respondi, observando o Sam para tentar perceber se ele tinha alguma opinião sobre aquela proposta, mas ele continuava a examinar o chão. Ou os seus pés compridos.

— Peeeerfeito — ronronou o Charlie. — O Sam também tem 13. Eu tenho 15 anos — acrescentou, cheio de orgulho.

— Parabéns — murmurou o Sam.

— Portanto, Persephone... — continuou o Charlie.

— Percy — interrompi-o, de repente. O Charlie ficou a olhar para mim com um ar surpreendido. Comecei a rir-me, nervosa, e, girando a pulseira da amizade que tinha no pulso, expliquei: — Podem chamar-me Percy. Persephone é... um bocado grande. E também um pouco pretensioso.

O Sam endireitou-se e fitou-me, esfregando as sobrancelhas e o nariz. Tinha um rosto comum, sem nenhuma característica relevante, exceto os olhos, que eram de um azul-céu perturbador.

— Então, passas a ser a Percy — concordou o Charlie, mas eu ainda estava a observar o Sam, que me devolvia o olhar com a cabeça inclinada para o lado. O Charlie pigarreou. — Bem, como eu estava a dizer, fazias-me um grande favor se entretivesses o meu irmão mais novo esta noite.

— Credo — murmurou o Sam, enquanto eu perguntava:

— Entreter?

Piscámos os olhos um ao outro. Mudei o peso de uma perna para a outra, sem saber o que dizer. Há uns meses, tinha ofendido a Delilah Mason de tal maneira que deixei de ter amigos, há meses que não passava tempo com ninguém da minha idade, mas a última coisa que queria era que o Sam se sentisse obrigado a estar comigo. Mas, antes que eu pudesse dizê-lo, ele falou.

— Não tens de o fazer se não te apetecer — declarou, como que a pedir desculpa. — Ele está só a tentar livrar-se de mim porque a nossa mãe não está em casa hoje.

O Charlie bateu-lhe no peito.

A verdade é que eu queria um amigo muito mais do que queria uma franja que se portasse bem. Se o Sam não se importasse, eu gostaria de ter a sua companhia.

— Não me importo nada — respondi-lhe, e acrescentei com uma segurança fingida: — Quer dizer, é uma obrigação muito chata.

Portanto, como pagamento, vais ter de me ensinar a dar aquelas cambalhotas para a água que fizeste hoje.

Ele esboçou um sorriso torto. Era um sorriso discreto mas lindo, acompanhado por uns olhos azuis que brilhavam como vidros coloridos contra a sua pele bronzeada.

Sou a razão daquele sorriso, pensei, sentindo um arrepio a percorrer-me. Queria sê-lo de novo.

Agora

A Percy adolescente não acreditaria nisto, mas eu não tenho carro. Naquela altura, estava decidida a ter um automóvel para poder viajar para norte em todos os fins de semana possíveis. Hoje em dia, a minha vida está limitada a uma área verde na zona ocidental de Toronto, onde vivo, e ao centro da cidade, onde trabalho. Posso ir para o escritório, ao ginásio ou a casa dos meus pais a pé ou de transportes públicos.

Tenho amigos que nem se deram ao trabalho de tirar a carta; são aquelas pessoas que se gabam de nunca irem para norte de Bloor Street. O seu mundo resume-se a uma pequena bolha urbana, cheia de estilo, e têm orgulho nisso. O meu também, mas, às vezes, sinto-me a sufocar.

A verdade é que a cidade nunca mais foi o meu lar, desde que, aos 13 anos, me apaixonei pelo lago, pela cabana e pelos bosques. Mas, na maior parte do tempo, esforço-me por não pensar nisso. Não tenho tempo. O mundo que construí para mim está a rebentar de ocupações urbanas — trabalho no escritório até horas tardias, tenho aulas de *spinning*, muitos *brunches* —, e é assim que gosto dele. Um calendário muito ocupado dá-me alegria. Mas, uma vez por outra, dou comigo a fantasiar com sair da cidade — encontro uma casa pequena

junto à água, onde posso escrever, a trabalhar num restaurante para pagar as contas — e a minha pele começa a retesar-se, como se a minha vida não coubesse nela.

Isto seria uma surpresa para quase toda a gente que conheço. Sou uma mulher de 30 anos que, basicamente, tem os seus problemas resolvidos. O meu apartamento é no último andar de um edifício grande em Roncesvalles, um bairro polaco onde ainda conseguem encontrar-se os tradicionais *pierogies*. O interior é fantástico, com vigas expostas e tetos inclinados, e é minúsculo, claro, mas um T1 completo nesta zona da cidade não é nada barato e o meu salário na revista *Shelter* é... modesto. Na verdade, é uma treta. Mas é uma situação habitual dos empregos na área editorial e, apesar de o meu salário ser pequeno, o meu trabalho é grande.

Trabalho na *Shelter* há quatro anos e subi consistentemente de assistente editorial até editora sénior. Estou numa posição de poder em que atribuo artigos e supervisiono sessões fotográficas na maior revista de decoração do país. Em grande parte graças aos meus esforços, conseguimos ter uma comunidade de seguidores dedicados nas redes sociais e um enorme público online. É um trabalho que eu adoro, no qual sou boa, e, na festa dos 40 anos da *Shelter*, a Brenda, editora-chefe da revista, atribuiu-me o mérito de ter trazido a publicação para a era digital. Foi um ponto alto da minha carreira.

Ser editora é o tipo de trabalho que as pessoas acham que é extremamente glamoroso. Parece brilhante e movimentado, mas, na realidade, significa que, durante a maior parte do tempo, estamos sentadas num cubículo a procurar sinónimos de «minimalista». Mas há lançamentos de produtos e há almoços com designers emergentes. Também é o tipo de emprego a que advogados empresariais e banqueiros em escalada social respondem ao deslizar para a direita, o que tem sido útil para encontrar parceiros que me acompanhem no circuito das festas. E há vantagens, como viagens de imprensa, bares abertos de champanhe e uma quantidade inacreditável de

produtos grátis. Há também um fluxo infundável de rumores que eu e a Chantal devoramos, sendo a nossa forma favorita de passar as noites de quinta-feira. (E a minha mãe nunca se cansa de ver o nome Persephone Fraser impresso na ficha técnica da revista.)

O telefonema do Charlie rebenta a minha bolha e sinto-me tão ansiosa por voltar lá que, assim que desligo, alugo um carro e um quarto de hotel para o dia seguinte, embora o funeral só seja daqui a uns dias. É como se tivesse acordado de um coma de doze anos e a minha cabeça estivesse a latejar de antecipação e terror.

Vou ver o Sam.



Sento-me para escrever um e-mail aos meus pais sobre a Sue. Durante esta viagem à Europa, não têm verificado regularmente o e-mail, por isso, não sei quando verão este. Também não sei se falavam com a Sue. A minha mãe manteve o contacto com ela durante os primeiros anos depois de eu e o Sam termos «acabado», mas, sempre que ela mencionava qualquer um dos Floreks, os meus olhos arregalavam-se. A partir de certa altura, ela deixou de me pôr a par das coisas.

O e-mail que escrevo é breve e, depois de terminar, atiro alguma roupa para dentro da mala *Rimowa*, cara demais para mim, mas que comprei à mesma. Já passa da meia-noite, tenho uma entrevista de trabalho na manhã seguinte e, de seguida, uma longa viagem de carro, pelo que visto o pijama, deito-me e fecho os olhos. Mas estou demasiado nervosa para conseguir adormecer.

Há alguns momentos a que volto sempre, quando me sinto mais nostálgica, quando tudo o que me apetece é enrolar-me no meu passado com o Sam. Consigo passá-los dentro da minha cabeça como se fossem velhos vídeos caseiros. Na faculdade, costumava vê-los constantemente, eram uma rotina quando me deitava, tal como a manta cheia de borbotos da *Hudson Bay* que trouxera da cabana. Mas as

memórias e os remorsos que traziam com eles arranhavam tanto quanto a manta de lã, e eu perdia noites a imaginar onde estaria o Sam naquele preciso momento e se haveria alguma hipótese de ele também estar a pensar em mim. Às vezes, eu tinha a certeza de que sim — como se houvesse um fio invisível, inquebrável, que nos ligava, esticando-se por longas distâncias e mantendo-nos juntos. Outras vezes, adormecia a meio de uma cena e, de repente, acordava durante a noite sem respirar, sentindo que tinha os pulmões à beira do colapso e lutando contra mais um ataque de pânico.

Finalmente, já no fim do curso, consegui parar essas exibições noturnas, enchendo a cabeça, em alternativa, com exames iminentes, prazos para artigos e candidaturas a estágios, o que fez com que os ataques de pânico fossem diminuindo.

Mas, esta noite, não me imponho restrições. Alinho todas as nossas primeiras vezes — a primeira vez que nos vimos, o primeiro beijo, a primeira vez que o Sam disse que me amava — até começar a interiorizar a certeza de que vou voltar a vê-lo. Os meus pensamentos tornam-se um novelo de perguntas para as quais não tenho resposta. Como irá ele reagir quando me vir? Quanto terá mudado? Será solteiro? Ou, *merda*, será casado?

A minha psicóloga, a Jennifer — e não Jen, isso nunca (uma vez, cometi esse erro e fui rispidamente corrigida) —, tem frases emolduradas espalhadas pelas paredes, «A vida começa depois do café» ou «Não sou estranha, sou uma edição limitada», pelo que não sei que tipo de *gravitas* ela acha que o seu nome inteiro lhe dá. De qualquer forma, a Jennifer tem uns truques para lidarmos com este tipo de ansiedade em espiral, mas esta noite as respirações pela barriga e os mantras não têm hipótese nenhuma. Comecei a ter sessões com ela há uns anos, a seguir àquele Dia de Ação de Graças que passei a vomitar *rosé* e a desabafar com a Chantal. Eu não queria falar com nenhuma psicóloga, pois aquele ataque de pânico fora apenas um contratempo no meu caminho até então (bastante!) bem-sucedido

para pôr o Sam Florek fora do meu coração e da minha cabeça, mas a Chantal insistiu muito.

— Esta merda ultrapassa as minhas capacidades, P — dissera ela, com a sua honestidade sem rodeios.

Eu e a Chantal conhecemo-nos quando éramos estagiárias numa revista da cidade onde ela é, atualmente, a editora de entretenimento. Tornámo-nos amigas devido à nossa peculiar tarefa de verificar a veracidade das críticas a restaurantes («Portanto, o linguado é envolto em pinhão triturado e não em crosta de pistácio?») e à ridícula obsessão do nosso editor-chefe com o ténis. O momento que consolidou a nossa amizade ocorreu durante uma reunião de trabalho, em que o editor começou por dizer: «Tenho pensado muito no ténis» e, de seguida, virando-se para a Chantal, que era a única pessoa negra em toda a empresa, disse-lhe: «Tu deves ser ótima no ténis.» Ela respondeu, de rosto perfeitamente impassível, que não jogava, e eu soltei um: «Só podes estar a brincar!»

A Chantal é a minha melhor amiga, embora também não haja grande concorrência. A minha relutância em partilhar coisas íntimas ou embaraçosas sobre mim com outras mulheres fá-las desconfiar de mim. Por exemplo, a Chantal sabia que eu tinha crescido numa cabana e que era amiga dos rapazes da casa ao lado, mas não fazia ideia da dimensão da minha relação com o Sam — ou de como acabou numa terrível explosão que não deixou sobreviventes. Acho que o facto de lhe ter escondido uma parte tão fundamental da minha história foi mais chocante do que a própria história do que acontecera há tantos anos.

— Tu percebes o que significa ter amigos, ou não? — perguntara-me ela, depois de lhe ter contado a terrível verdade. Tendo em conta que os meus dois melhores amigos tinham cortado relações comigo, talvez a resposta devesse ter sido: «Nem por isso.»

Mas tenho sido uma boa amiga para a Chantal. Sou a pessoa a quem ela liga para falar mal do trabalho ou da futura sogra, que

lhe sugere constantemente que ela alise o cabelo para o casamento. A Chantal não tem qualquer interesse nos preparativos para o casamento, quer apenas uma grande festa com dança, bar aberto e um vestido de arrasar, o que é justo, mas, uma vez que as coisas têm de se concretizar de alguma forma, acabei por me tornar a sua organizadora, criando pastas no *Pinterest* com sugestões decorativas. Sou de confiança. Sou uma boa ouvinte. Sou aquela que sabe sempre que novo restaurante da moda tem o *chef* mais sexy. Faço excelentes *Manhattans*. Sou divertida! Só não quero falar sobre o que me deixa acordada à noite. Não quero revelar que, agora, começo a perguntar-me se subir na carreira me fez feliz, que, às vezes, me apetece tanto escrever, mas não encontro coragem para o fazer, que, por vezes, me sinto tão só. Só a Chantal é que consegue pôr-me a falar destas coisas.

Claro que a minha relutância em falar sobre o Sam com a Chantal não é por pensar ou deixar de pensar nele. É claro que o faço. Mas tento não pensar e não me desoriento facilmente. Desde que comecei a ter consultas com a Jennifer, nunca mais tive ataques de pânico. Gosto de pensar que ultrapassei isto ao longo da última década. Gosto de pensar que segui em frente. Ainda assim, de vez em quando, o sol brilha sobre o lago Ontário de uma forma que me lembra a cabana, e, de imediato, encontro-me na jangada com ele.



As minhas mãos tremem tanto enquanto preencho os formulários no balcão da empresa de aluguer de carros que até me surpreende que o funcionário me entregue as chaves. A Brenda mostrou-se compreensiva quando lhe liguei a pedir para tirar o resto da semana. Disse-lhe que tinha morrido um familiar e, embora tecnicamente fosse mentira, a Sue *era* da família. Ou, pelo menos, tinha sido em tempos.

Provavelmente, nem teria precisado daquela desculpa. Este ano, tirei apenas um dia de férias, quando eu e a Chantal marcámos um

fim de semana prolongado num spa, no dia de São Valentim — tiramos férias juntas desde a altura em que éramos as duas solteiras e nenhum namorado ou noivo vai acabar com essa nossa tradição.

Por momentos, considero não contar à Chantal para onde vou, mas depois imagino-me a ter um acidente e ninguém saber por que razão estava na autoestrada, tão longe da cidade. Portanto, envio-lhe uma mensagem rápida do parque de estacionamento, acrescentando alguns pontos de exclamação do tipo *está tudo bem comigo* antes de enviar: «A tua festa foi tão gira!!! (Demasiado gira! Não devia ter bebido aquele último *Spritz!*) Vou sair da cidade por uns dias para ir a um funeral. Da mãe do Sam.»

A mensagem dela chega passados uns segundos: «O TAL Sam??? Estás bem?»

A resposta é não.

«Hei de ficar bem», respondo.

Assim que envio a mensagem, o telemóvel começa a tocar, mas deixo que a chamada da Chantal vá para o voicemail. Dormi tão pouco que só funciono por causa da adrenalina e dos dois baldes de café que tomei esta manhã, na entrevista com um designer de papel de parede convencido. Não me apetece mesmo falar. Durante o tempo que demoro a percorrer as ruas da cidade até chegar à estrada nacional 401, fico com as entranhas de tal modo revolvidas que tenho de fazer uma paragem de emergência num restaurante Tim Hortons, para ir à casa de banho.

Ainda estou trémula quando regresso ao carro, a segurar numa garrafa de água e num queque de passas, mas, à medida que conduzo mais para norte, sou envolvida por uma espécie de calma surreal. A certa altura, começam a surgir na paisagem formações rochosas de granito do Canadian Shield e, à beira da estrada, emergem cartazes que anunciam isco vivo e camiões para transporte de madeira. Já passou tanto tempo desde que percorri esta estrada e, no entanto, é tudo tão familiar — como se estivesse a conduzir de volta a outra parte da minha vida.

A última vez que estive nesta estrada era fim de semana de Ação de Graças. Também aí estava sozinha e acelerava no *Toyota* em segunda mão que tinha comprado com as minhas poupanças. Não parei uma única vez durante as quatro horas da viagem. Tinham passado três meses angustiantes desde que vira o Sam e estava desesperada por um abraço dele, por me sentir envolvida pelo seu corpo, por lhe dizer a verdade.

Poderia ter adivinhado que aquele fim de semana me daria, simultaneamente, os melhores e os mais terríveis momentos da minha vida? Que, de forma tão rápida, as coisas se tornariam tão, tão más? Que nunca mais voltaria a ver o Sam? O meu erro tinha começado meses antes, mas poderia eu ter prevenido as consequências que causariam uma destruição tão grande?

O meu estômago revolve-se mal vislumbro uma parte do extremo sul do lago, e começo a respirar fundo, *inspira, um, dois, três, quatro, expira, um, dois, três, quatro*, durante o resto do caminho que me leva ao Cedar Grove Motel, na periferia da vila.

Já é fim de tarde quando faço o check-in. Compro um exemplar do jornal local ao senhor idoso que está no balcão do átrio e estaciono o carro em frente do quarto 106. É simples, mas asseado. Uma pintura básica de um veado numa floresta, pendurada por cima da cama, e uma colcha velha, que provavelmente foi *bordeaux* no início da sua já longa vida, são os únicos elementos de cor.

Penduro o vestido preto que trouxe para o funeral e sento-me na ponta da cama, tamborilando com os dedos nas pernas e olhando pela janela. Consigo ver a ponta norte do lago, a doca da vila e a praia pública e sinto-me ansiosa. Parece errado estar tão perto da água e não ir até à cabana. Trouxe o meu biquíni e a minha toalha para poder ir à praia, mas o que me apetece mesmo é mergulhar da minha doca. Só que há um problema: a doca já não é minha.

SEIS VERÕES IDÍLICOS. UM MOMENTO CAPAZ DE DESTRUIR TUDO.

A juventude de Percy Fraser ficou marcada por um enorme erro que a fez fechar o seu coração e deixar para trás as recordações de todos os verões passados junto ao lago diante da sua casa de férias perto de Ontário, no Canadá. No elegante apartamento em que agora vive, já nada a liga à pequena comunidade de Barry's Bay nem a Sam Florek, o homem que em tempos ela julgara que haveria de fazer parte da sua vida para sempre.

Durante seis maravilhosos verões, Percy e Sam tinham-se tornado inseparáveis, desfrutando de longos banhos no lago, de noites quentes à beira da água, de leituras dos seus livros favoritos no aconchego da companhia um do outro e até do trabalho no restaurante da família dele em algumas ocasiões. Unidos por um sentimento tão puro, nada parecia ser capaz de ditar o seu afastamento. Até ao dia em que uma má decisão deitou tudo a perder.

Quando, mais de uma década depois, Percy regressa a Barry's Bay para assistir ao funeral da mãe de Sam, todas as memórias da ligação que sempre os uniu vêm de novo à tona. Mas Percy precisa de se confrontar com os fantasmas do seu passado antes de poder pensar sequer em seguir em frente.

«Tal como acontece com os lugares onde passamos os nossos verões e as pessoas que vamos conhecendo ao longo do tempo, Percy e Sam serão capazes de ficar no nosso coração muito depois de terminarmos a última página.»

USA Today



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896236472



9 789896 236472 >